

## **Pastoral Urbana: Evangelho sem Redutos**

**Werner Fuchs  
e Cyzo Assis Lima\***

### **1. Introduzindo o Assunto**

O Grupo de Estudos sobre a Pastoral Urbana (GEPU) é fruto de um sincero desejo de traçar novos rumos para a ação evangelizadora, própria e de outros, na realidade urbana. Pastores, padres, irmãs de quatro igrejas encontraram-se nove vezes de outubro de 1994 a dezembro de 1995 para uma partilha de experiências e saber sociológico e teológico-pastoral. O GEPU tomou também a opção de priorizar a troca de experiências. A análise sociológica e a discussão teológico-filosófica não foram desconsideradas, mas ocuparam um espaço menor. Por isso a análise aparece pouco sistematizada. Ela se expressou ao longo dos relatos e nas contribuições de cada participante, dos quais registramos alguns fragmentos, bem como nas pistas para a ação que resultaram da reflexão conjunta.

### **2. Indagações**

A partilha de experiências foi provocada pela seguinte série de questionamentos por parte das pessoas que atuam como agentes de evangelização no meio urbano:

— Chama-nos a atenção que nos centros urbanos crescem hoje, ao mesmo tempo, as igrejas pentecostais, outros grupos religiosos e os espaços democráticos populares.

— A sociedade urbana não tem mais redutos religiosos, não existe mais espaço físico reservado.

— O universo religioso é cada vez mais um universo não-elesiástico. As igrejas tradicionais não têm mais controle diante de “produtores” religiosos mais ou menos autônomos, que caminham atrás dessa lógica de mercado. Nossas tradições religiosas dificilmente sabem trabalhar isso em termos teológicos.

— Os meios de comunicação social penetram em todos os espaços. Pessoas não têm mais grupo, identidade, nada. Elas só se interessam pelos meios de comunicação social. Nossa luta é organizar um grupinho (comunidade), que cria um ponto de referência (identidade).

Ficamos nas igrejas ou centros comunitários falando para 80 ou 100 pessoas, enquanto lá fora são 30 a 40 mil totalmente indiferentes a isso. Nosso trabalho vai muito na linha do verniz, sem profundidade.

Há uma variedade de iniciativas que estão brotando na cidade. Quais são as questões? O que há de novo surgindo na cidade, a partir das paróquias, ou além das paróquias, nas periferias da cidade?

Como evangelizar os mais marginalizados? Os mais ralados mesmo não estão dentro da comunidade cristã. A linguagem pastoral não é para essa gente. Não estamos conseguindo trabalhar com o povo, no sentido amplo do coletivo, como os outros movimentos estão conseguindo. Como vamos trabalhar a consciência de cidadania entre os cristãos?

O problema não é mais a pastoral urbana, geograficamente falando, e sim que o urbano é um novo tipo de vida. Atualmente o mais importante não é o fato da migração do campo para a cidade. O mais importante são os novos atores, os novos sujeitos que se formam dessa realidade.

### **3. O que a Experiência Nos Ensina**

A partir dos relatos das experiências pastorais em três paróquias católicas (em São Leopoldo e Novo Hamburgo), na Igreja Metodista (Canoas) e na Luterana (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil [IECLB], Sapucaia do Sul) o grupo pôde destacar alguns aspectos importantes que marcaram estas experiências.

É importante na pastoral que se responda às necessidades imediatas das pessoas. Realizar a caridade fraterna imediata. A paróquia, dentro de um contexto urbano, busca dar uma resposta em três níveis: *atendimento religioso, social e organizativo*. Investir mais nas pessoas do que em obras. Alguns exemplos são a organização de uma cooperativa habitacional; a distribuição de sopa diariamente em vários pontos e a articulação dos conselhos comunitários geridos por pessoas do próprio local.

A participação da comunidade deve ser motivada de forma criativa. Não basta avisar que no próximo domingo haverá celebração. Os encontros, assembleias e reuniões devem ser agradáveis. É um bom caminho unir o debate com o chimarrão, arroz carreteiro, bolinho, quentão. A comida torna-se um elemento que atrai as pessoas.

É recomendável criar meios e instâncias para a participação das pessoas, gestos simbólicos que apontem um compromisso e instrumentos simples de avaliação e planejamento. Deve-se ficar atento à heterogeneidade social, cultural de nossos Conselhos de Leigos. Em muitas comunidades eles são controlados por elites locais. A questão da institucionalidade é tão forte em algumas comunidades, que impede qualquer mudança. Pode-se mudar as pessoas, mas as funções não

mudam. Isso é um aspecto marcante, que caracteriza o tipo de comunidade que há na IECLB. É importante que se dê um apoio pastoral às pessoas engajadas nos movimentos sociais.

Um ponto que me chama a atenção é a compreensão que as pessoas têm de comunidade cristã: nela a gente mostra o que é. Quando ficam doentes, desempregadas, com problemas na família as pessoas se afastam temporariamente da participação na comunidade. Parece que o pessoal tem uma visão da Igreja como um lugar onde a gente vai para mostrar as vitórias e não para sofrer junto. Eu me dei conta desse fato e comecei a trabalhá-lo, e hoje se percebe em algumas celebrações que o pessoal está participando. Não sei como isso está acontecendo, mudou o público da celebração. Quem tem problemas está vindo e os que têm sucesso, não. Fico sem saber como lidar com essa situação.

## **4. Clarezas**

### **4.1. Poder e Eficiência**

A experiência da IECLB em Sapucaia destaca um problema diferente, mas determinante. É a mentalidade das pessoas que compõem os Conselhos. Mesmo sendo operárias, elas têm cabeça de patrão e transportam para a comunidade o mesmo espírito de funcionamento da fábrica, que visa lucro. Mesmo sendo um conselho de composição mista, fica claro que no protestantismo o horizonte dos membros é a comunidade com sua dinâmica própria. A estrutura que está acima dela é coisa de pastor. O exemplo da Igreja Metodista mostra como a questão administrativa deveria estar ligada à evangelização, democratização e valorização do sujeito.

O nosso trabalho de evangelização tem sido ineficaz. Ele não leva as pessoas a uma mudança profunda, libertadora. O método com que trabalhamos tem mais equívocos do que acertos; é um método pastoral tradicional que faz cumprir programas, sacramentos, missas, porque é tradição. Os próprios leigos mais conscientes percebem que a linguagem da Igreja não é atrativa, ficando muitas vezes longe do cotidiano das pessoas.

No meio rural a Igreja foi favorecida pela mentalidade uniforme dominante. Ela teve muitas escoras pelo tipo de vida do interior. Agora essas escoras estão sendo tiradas. O sucesso foi aparente. Algumas pessoas vivem uma espécie de saudosismo, choram as “cebolas do Egito” (Nm 11.5), pois no meio urbano a Igreja tem que mostrar serviço. Pela urbanização as pessoas têm a oportunidade de enxergar as coisas de forma diferenciada, se bem que fragmentada. Por isso muitos agentes tomam a atitude inversa, distanciam-se dos modelos pastorais antigos e sonham com alternativas. São duas posturas difíceis de trabalhar. Faz-se uma teologia sobre a cidade, emitindo um juízo sobre ela, em sentido depreciativo

ou mesmo em sentido positivo. É preciso passar de uma teologia sobre a cidade para uma teologia da cidade.

#### **4.2. Instituição e Renovação**

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nasceram exatamente nos lugares de pouca institucionalização eclesial. “Paroquializá-las” seria matar sua proposta. Por outro lado, elas não vão se tornar independentes da Igreja institucional, mas possuem o potencial de renovar a paróquia tradicional.

A mesma relação tensa entre instituição e renovação, entre continuidade e movimento profético se constata nas pastorais que tentam responder a desafios urbanos específicos (p. ex., a Pastoral Operária). Elas sempre encontram sérios entraves institucionais para avançar. A Igreja teve nos últimos anos uma forte presença nos movimentos sociais urbanos. Será que a presença da Igreja institucional e de seus agentes junto aos movimentos sociais favorece ou impede o avanço deles para as questões sociais?

Entre pessoas formadas pela teologia da libertação nota-se uma dificuldade de lidar com a instituição. O institucional assusta demais. Mas de fato a profecia precisa da instituição. Senão fica sem ação, não gera consequências no sentido de uma Igreja mais concreta, mais aberta, mais pluralista, mais profética. A questão, portanto, é o que se faz com a instituição, se ela impede ou faz avançar a democracia. Em outras palavras, a continuidade de uma Igreja viva pode até ser perdida pelo formalismo institucional, mas não se pode prescindir de forças organizativas que canalizem e transmitam o impacto renovador.

#### **4.3. Pastoral e Paróquia**

A paróquia torna-se uma questão central e controversa para a pastoral urbana. Para fazer acontecer pastoral urbana é necessário partir do que existe. A Igreja está na cidade em forma de paróquias. Estas estão aí pelo menos como unidades administrativas. Mas será que conseguem promover a evangelização, o simbólico, o comunitário? A mobilidade da população, a pluralidade cultural e religiosa, os conflitos sociais, a exclusão econômica, a fragmentação e a crise das instituições não constituem desafios grandes demais para esta ferramenta eclesial? Certamente muitos líderes e colaboradores não saberiam como atuar fora da paróquia. Alguns exemplos mostram como é possível eliminar a hierarquia da paróquia, transformando-a numa rede de comunidades autônomas. Mas será que ela voltará a ser o que foi no início e o que a palavra significa: um abrigo para os estrangeiros, os migrantes sem lar e sem teto?

Como uma tendência contemporânea forte é a “retribalização” (Michel Mafezoli), que supera a sociedade de massas e o individualismo, é preciso estar

atento para as necessidades das pessoas freqüentarem o grupo religioso com que se identificam mais, mesmo que ele se situe do outro lado da cidade, fora da circunscrição geográfica de sua paróquia de origem. Em algumas igrejas européias estas pessoas são chamadas de “optantes”. Buscam um referencial mais na pessoa do agente ou no grupo do que no discurso da instituição. Os optantes demonstram que acima da estrutura está o movimento, a identificação afetiva e ideológica com pessoas e propostas. É verdade que a coexistência de paróquias com estilos e propostas teológicas diferentes gera dificuldades para a unidade e disciplina da Igreja.

Na mesma linha dos optantes surgem nas igrejas os movimentos, que atuam com autonomia, inclusive financeira, diante das estruturas eclesiais. Por um lado aglutinam iniciativas renovadoras, por outro podem também realizar um corte seletivo de classe, dispensando a comunidade. Temos que perguntar se a própria paróquia, sem o admitir, não faz o mesmo, por se dirigir principalmente à classe média, sem dar espaço à elite e muito menos aos pobres. E há movimentos, como os de casais, que se caracterizam apenas como uma dinâmica, sem proposta que assegure continuidade, razão pela qual as pessoas permanecem neles por tempo curto. Sobretudo no contexto evangélico constata-se a migração para movimentos com propostas mais coesas, que superam as dinâmicas de motivação e iniciação e conseguem dar continuidade mediante o aprofundamento bíblico-teológico e uma metodologia participativa.

O neoliberalismo promove o enfraquecimento da máquina administrativa oficial que, apesar de oferecer alguns serviços assistenciais, sempre esteve distante do povo. Por isso, quase numa analogia, uma simples extinção da paróquia, que está bem mais próxima do povo, não significaria cair no discurso neoliberal e debilitar as instâncias de coesão social e de controle econômico? Obviamente tais considerações não encerram a reflexão sobre a paróquia, mas desafiam para novas buscas.

#### 4.4. Pessoas Solidárias

Nossa visão de ser humano é que, para ser, tem que estar em contínua relação com o outro. A pessoa, na sua essência, precisa do outro para existir. Por isso a pastoral urbana busca sair da mentalidade de ser sócio, e do sócio ser tratado comercialmente pelo fichário, para passar a um estágio de relação mútua, de igual para igual, formando comunidade de fato, onde as pessoas têm voz, presença, calor humano. Com essa visão recuperamos a *ekklesia*, onde todos são sujeitos, onde todos são chamados pelo nome, onde as pessoas têm voz e vez.

No momento em que se consegue recuperar a pessoa, fazer com que ela possa ser sujeito que toma consciência de si e também do meio, o projeto de Deus e de Jesus Cristo vai tomando forma. Ele quer que vivamos como eles, em perfeita comunhão. Será que nós educamos para a solidariedade? A saída para a pastoral

é a solidariedade. Essa solidariedade tem que ser também econômica, especialmente na organização de obras sociais que promovam a vida e dignidade das pessoas.

#### **4.5. Pluralidade Religiosa**

Ainda temos pouco conhecimento do processo de elaboração de uma cultura religiosa própria do povo brasileiro. Apesar da pluralidade existente, a tendência é de impormos a nossa cultura religiosa, em geral trazida dos povos europeus e norte-americanos. O protestantismo trouxe embutidos alguns valores do liberalismo, p. ex., a questão do indivíduo, a liberdade individual, o livre exame, a ética do trabalho como meio de ascensão social. Mas numa pesquisa no Vale do Sinos com 100 pentecostais, foi perguntado se a conversão ao pentecostalismo ajudaria a subir sócio-economicamente na vida, e a resposta surpreendente foi *não*. Há outros fatores em jogo que a sociologia religiosa ainda não captou. Mas não há como negar que o pentecostalismo e também a umbanda são mecanismos de adaptação do indivíduo à cidade e à lógica urbana, como falou José Comblin numa recente palestra em São Paulo: “Exagerando um pouco, se as igrejas quisessem aprender como se lida com a questão religiosa urbana deveriam estudar o pentecostalismo e a umbanda.”

Também tem que ser questionada e aprofundada a idéia de mercado religioso, de que dentro dele há muitas opções. Pois a idéia de mercado está ligada à idéia de indivíduo. Essa idéia de fazer opção é da classe dos intelectuais e também da classe média. Agora, para quem está sob a pressão da precariedade da vida não existe chance de opção. A pessoa na periferia não tem opção, ela é empurrada para este ou aquele lado. Como nem todos os pobres vão virar pentecostais, existem fatores que a teoria não abrange. O proselitismo não é suficiente para explicar essa questão, ele é uma parte dela. Deve-se partir do princípio de que a sociedade é pluralista e aberta e continuará sendo assim, e que não existe mais reduto religioso.

#### **4.6. Fragmentação Social**

É preciso perceber a fragmentação social. O povo está participando nos mais diferentes segmentos. Na maioria dos casos uma família e seus membros individualmente têm que estar em vários programas diferentes, além do trabalho. P. ex., em atividades de estudo, lazer, transporte. Isso produz experiências múltiplas, mas efêmeras, fragmentadas. Nossa prática pastoral ainda é de tratar a nível de massa, homogênea, do grupão. O equívoco é que a nível de massa é difícil criar solidariedade. Fora da Igreja estamos vendo os leigos se organizando em grupos de apoio, de aidéticos, pais de drogados, terceira idade, Alcoólicos Anônimos. E nós evangelizadores não estamos dando muita importância para isso. Mas é por aí que vai passar a nossa práxis de evangelização a médio prazo?

## 5. Pistas

### 5.1. Leveza

As comunidades querem coisas leves. Em contraste com o que diz Mateus 11.30 — “o meu fardo é leve” —, nossas celebrações, assembléias e organizações são extremamente pesadas. No livro de um ex-comunista, *A Insustentável Leveza do Ser* (M. Kundera), e no texto “Seis Propostas para o Próximo Milênio”, do teórico Ítalo Calvino, a primeira proposta é a leveza, as coisas têm que ser leves. Mas o padre, o pastor e a freira se tornaram pessoas pesadas, que não levam mais alegria para o povo. Parece que trazem consigo uma nuvem preta, em vez de trazer a primavera. As pessoas já estão com a auto-estima muito baixa pela situação de desemprego, violência... É necessária uma espiritualidade que reanime. Para a conscientização social e política é preciso outro espaço, não o das celebrações.

É preciso desenvolver isso sem alienar. Pois teologicamente se ouvem muitas críticas a essa questão da leveza, no sentido de que a estética estaria substituindo a ética. Quer dizer, aquilo que é sério, que era compromisso, agora teria virado festa. A teologia da libertação acabou, agora é celebração, é festa, é espiritualidade. Engajamento político, mesmo, não tem mais. Diante disso, a experiência do mutirão que se transforma em festa é um bom exemplo. Aí todo o povo entra no jogo, porque nas vilas o nosso problema é comunicação e estômago. Dá para mexer nisso, criar já um clima de festa. Na verdade o mutirão, para os índios, é uma festa e todo o mundo participa.

### 5.2. Símbolos

Faz parte dessa leveza que se trabalhem melhor os símbolos. Pois o povo não vem para escutar longos discursos, e sim para buscar sinais e satisfazer suas necessidades. Nos momentos mais sociais como a confirmação ou a crisma, a liturgia precisa ser bonita, mas não alienante. Com isso o agente que propõe um engajamento na realidade obtém certo respaldo na comunidade, mesmo na mais tradicional. Torna-se um “traficante de símbolos”. Mas tem consciência de que, ao contrário do uso dos símbolos nos meios de comunicação, que visam dominação e fragmentação, o símbolo religioso precisa preservar sua dimensão não-controlável, mas de reserva crítica e potencial libertador.

### 5.3. Afetividade

Também o afetivo e subjetivo são dimensões um tanto esquecidas na pastoral, a começar pelos próprios agentes. Uma das formas de construir a subjetividade é dar a possibilidade de a pessoa ser ela mesma e oferecer espaço de carinho,

aceitação. Desse modo surge uma possibilidade de terapia, de superação dos problemas que seriam causados por outros fatores, mas que encontram nesse clima uma maneira de se tornar mais leves.

#### **5.4. Presença**

A Igreja deve sair do templo; deixar de tratar o povo como massa e ir até onde as pessoas e as famílias se encontram. O povo tem cada vez menos tempo de ir até a igreja. Isso exige mudar o jeito tradicional e impessoal de fazer pastoral. A simples presença já é eficaz em si mesma, porque estar junto com uma família ou um grupo, partilhar sua vida, valoriza as pessoas.

Muitas vezes não temos resposta para nada, somos impotentes diante de determinadas situações. O que o povo espera, o que Deus é para o povo? Javé, um Deus presente. Se nós não repetirmos isso, não temos nada a fazer.

Devemos olhar o método de Jesus, nesse sentido de relação pessoal. A presença das pessoas se torna constante e efetiva a partir de uma atmosfera fraterna criada pela comunidade. Deve ser promovida por pessoas e líderes da comunidade numa espécie de pastoral da acolhida e visitação.

#### **5.5. Novas Relações**

Na fragmentação da vida urbana hoje a prioridade não é mais construir conhecimento, mas sim construir novas relações. É daí que se cria um novo conhecimento. O povo precisa reencontrar alguma relação que lhe seja agradável. Pois o problema não é só que as pessoas não vão à igreja. Pela migração a maioria delas nem se conhece. Líderes leigos das comunidades percebem que, para poder atuar, precisam antes fazer uma “operação malha fina” no bairro, conhecer todo o mundo e visitar todo o mundo. Sem se conhecer, como é que terão algum laço de amizade ou até de comunhão de fé?

#### **5.6. Grupos**

A saída para a realidade urbana são grupos nos quais acontecem o sentimento de fraternidade, a amizade, a aceitação e o crescimento na fé. Fora da comunidade não há salvação, e hoje mais do que nunca. Ao mesmo tempo é preciso estar atento para o perigo de forçar a segmentação social e fugir do conflito centro-periferia, rico-pobre, através dos pequenos grupos. Algo assim aconteceu na Coréia do Sul, na teologia da libertação *Minjung*, que levou à formação de comunidades separadas, a Igreja dos ricos e a dos pobres, dentro das denominações. Também se deve promover a celebração litúrgica nos pequenos grupos, onde o clima é mais aconchegante e as pessoas participam mais.



### **5.7. Participação**

É preciso superar a mentalidade de que a Bíblia, a Palavra, a reflexão são propriedade do padre, do pastor. Participação nunca é um processo espontâneo. Ela precisa ser facilitada, promovida por quem se dispõe a partilhar o poder, permitindo crescimento na autonomia e criatividade. É no espaço de liberdade e decisão compartilhadas que as pessoas descobrem seus dons para uma coisa ou outra. P. ex.: a transparência e informação quanto ao uso dos recursos financeiros da comunidade.

### **5.8. Bíblia e Evangelização**

É imprescindível para as lideranças e para o povo das comunidades trabalhar bem os textos bíblicos, a Bíblia. Isso já está sendo uma característica forte: a evangelização em torno da Palavra de Deus. Ela é fonte de orientação e precisa ser colocada na mão de todos. A própria Bíblia ajuda para que o religioso não seja um gueto, mas um pólo aglutinador da vida, pois leva o grupo a servir à comunidade e à sociedade, e a comunidade progride no evangelho da justiça. Se o povo que está sendo atendido pastoralmente não despertar para uma ação solidária, os agentes precisam se questionar.

### **5.9. Agentes**

Em torno do agente concentra-se a valorização do sagrado. Quando um diácono dá a bênção nas casas usando túnica e uma estola, ele é aceito como padre. Assim resolve-se o problema da falta de integrantes do clero ou de tempo para cerimônias, mesmo que, do ponto de vista intelectual, isso produza uma sensação de ridículo. No mesmo contexto popular sobrepõem-se outros espaços e papéis do agente religioso; p. ex., a urbanização está deslocando o padre da tarefa tradicional, envolvendo-o nas lutas do povo. Assim surge uma multiplicidade de funções e a necessidade de trabalhar em equipes, até mesmo com os assim chamados leigos (= membros do povo de Deus).

O pastor pentecostal está recuperando dentro do mundo urbano essa imagem do padre e do pastor tradicional que nós queremos sufocar. Então, que tipo de agente requer isso? Essa questão do padre, do pastor é algo muito forte, o povo ainda associa o sagrado com o poder.

### **5.10. Formação**

A pastoral urbana é, talvez, a que mais fortemente demanda novos modelos de formação, sobretudo do clero. Mesmo entre agentes “leigos” se nota cada vez

mais a necessidade de supervisão, de acompanhamento na prática. Seria como na linha dos psicanalistas: colocar na prática e ir discutindo as coisas. Porque no seminário se tira a pessoa da prática e se trabalha a cabeça dela de um modo. Depois, na prática do dia-a-dia ela tem que reaprender tudo de novo. Às vezes perdeu anos e não se encontra mais. O modelo de formação “seminarístico-academicista” está em questionamento e superação. Ademais, o maior avanço da evangelização é leigo. Logo, é preciso investir maior esforço em prepará-los. O tempo maior da pastoral é dedicado à formação de lideranças.

Trabalhamos em diversos níveis: lideranças de apoio à população, equipe central, lideranças de setores, Cáritas, grupos de famílias, ministros da eucaristia, ministros dos enfermos, catequistas; lideranças dos grupos administrativos, dos conselhos. Fazemos cursos bíblicos em que não participam só lideranças, mas também o povo interessado.

Assim, promover a evangelização no contexto urbano a partir da realidade eclesial dada, porém conscientes de que não existem mais redutos privativos da autoridade religiosa, é semelhante ao “ter como se nada possuíssemos” (1 Co 7.30).

### **Nota**

\* O presente texto é uma síntese das reflexões do GEPU, que surgiu por iniciativa do Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria (CECA), em São Leopoldo (RS). Dos encontros do GEPU participaram, com maior ou menor regularidade: Pe. Orestes Stragliotto, Pe. José Ivo Follmann, Pe. Pedrinho Guareschi, Pe. Clarindo Redin, Pe. Vitor Hugo Gerhard, Pe. Cyzo Assis Lima e Célia Bach (católicos); P. Clézio Ubiratam da Rosa (metodista), Rev. Renato Raatz (anglicano), P. Oneide Bobsin, P. Arzemiro Hoffmann e P. Werner Fuchs (luteranos).